

O HETERODISCURSO NO CONTO “A MENSAGEM”, DE CLARICE LISPECTOR: QUESTÕES DE LINGUAGEM

WILDER KLEBER FERNANDES DE SANTANA (DOUTORANDO)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa, Paraíba, Brasil
wildersantana92@gmail.com

TEREZINHA DE JESUS GOMES DO NASCIMENTO (DOUTORANDA)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa, Paraíba, Brasil
terezinhanascimento2@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho se propõe a delimitar como objeto de estudo o conto “A mensagem”, de Clarice Lispector, um dos treze textos que integram o livro *A legião estrangeira* (1977 [1964]). Para tanto, selecionou-se como categoria analítica o conceito de heterodiscurso, desenvolvida por Mikhail Bakhtin em estudos sobre a estilística no romance (2010 [1930-1934]), 2015). No texto literário, o heterodiscurso constitui um feixe de sentidos e tons apreciativos que expressam um posicionamento axiológico por parte das personagens, tendo em vista o processo de acabamento do autor-criador. A pesquisa demonstra que a linguagem (literária) não é morta, nem imanente, mas viva, concreta, constituída por relações dialógicas.

Palavras-chave: Heterodiscurso. “A mensagem”. Relações dialógicas.

Artigo recebido em: 27 ago. 2018.
Aceito em: 26 out. 2018.

THE HETERODISOURSE IN CLARICE LISPECTOR' S SHORT-STORY “THE MESSAGE”: LANGUAGE ISSUES

ABSTRACT: The present paper intends to delimit Clarice Lispector's short-story “A mensagem”, one of the thirteen texts that are part of the book *The Foreign Legion* (1977 [1964]), as an object of study. For this, the concept of heterodiscourse, developed by Mikhail Bakhtin in studies on stylistics in the novel (2010 [1930-1934]), 2015, was selected as analytic category. In the literary text, heterodiscourse constitutes a cluster of appreciative senses and tones that express an axiological positioning on the part of the characters, in view of the process of workmanship of the author-creator. The research shows that (literary) language is not dead, nor immanent, but alive, concrete, constituted by dialogical relations.

Keywords: Heterodiscourse. “The message”. Dialogical relations.

INTRODUÇÃO

As especificidades estilísticas do romance permaneceram suprimidas pela *Poética* e pela *Retórica*¹ até a segunda metade do século XVIII, momento em que começaram a ser descobertas. A prosa literária, entendida como prática escrita, entrou em conflito com outros campos de saber ao longo do século XIX, tais como a *Psicologia social*², imperante em centros europeus, e passou também a ser utilizada como objeto de análise da estilística tradicional até as primeiras décadas do século XX. Nesse percurso de auge do positivismo e cientificismo, produções romanescas³ estiveram submetidas a análises ideológicas abstratas⁴,

¹ Ambos os métodos/modelos de criação e interpretação aristotélicos foram e continuam sendo de imensa importância para estudos em linguagem e meios de comunicação humana, inclusive influenciando estudos na pós-modernidade. Citamos as obras para fundamentar nosso posicionamento de que tal tradição, com sua força, imperou durante tanto tempo que acabou ofuscando outras formas de ser/dizer/expressar.

² Estudos mais aprofundados encontram-se em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (VOLÓCHINOV, 2017 [1929])

³ Entre o discurso do romance e o discurso da poesia havia “dois pesos”, duas produções artísticas com características estilísticas bem diferentes, mas com uma “mesma medida”: as categorias da poesia. Ainda que incompatíveis, essas mesmas categorias eram aplicadas ao romance e, conseqüentemente, como resultado dessa abordagem, negavam-lhe “[...] qualquer significação

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; NASCIMENTO, Terezinha de Jesus Gomes do. O heterodiscorso no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector: questões de linguagem. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 3 (2018), p. 290-305.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 nov. 2018.

superficiais e a críticas jornalísticas, ignorando-se a relação indissociável entre forma, conteúdo e o aspecto social das obras literárias, ou seja, não havia uma abordagem filosófica e sociológica dos textos consideradas hoje essenciais para a compreensão da “estilística do gênero” (BAKHTIN, 2015, p. 21).

Quando a prosa romanesca parecia encontrar, enfim, seu lugar na estilística, a partir do surgimento de análises concretas da estilística do romance, diferenciando-se da poesia, essas análises recaíram no estilo individual do autor ou em elementos linguísticos abstratos desvinculados discursivamente da linguagem. Todo esse cenário de produções norteado por uma estilística tradicional, ou pela retórica argumentativa inquietava tanto Bakhtin quanto outros pesquisadores e estudiosos integrantes do Círculo de Bakhtin, como Volóchinov e Medviédev. Nesse sentido, todos os critérios teórico-metodológicos apontados pelos formalistas russos eram incompatíveis com as produções e análises da prosa literária, pois na ótica discursiva de Bakhtin, “O romance é um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual” (2015, p. 29).

Corroborando o espírito criacional dos pesquisadores do círculo, nosso trabalho se situa em um período pós-superação do divórcio entre o “formalismo abstrato e o igualmente abstrato ‘ideologismo’ no estudo do discurso literário, e uma superação baseada numa estilística sociológica” (BAKHTIN, 2015, p. 21). No processo de estratificação sociológica da linguagem do romance, o autor da prosa literária toma o heterodiscurso vivo para compor a obra, o que significa que essa é uma característica da língua viva, estando o heterodiscurso presente, em maior ou menor grau, em todas as esferas da comunicação humana. A língua, tomada como unidade dialógico-discursiva, signo ideológico, é naturalmente estratificada e heterodiscursiva não apenas pelos usos em grupos sociais, gêneros, etc., mas por sua própria atividade, a partir do instante em que os sujeitos a mobilizam, responsável e responsivamente. A cada uso que se faz da língua dá-se a ela um novo tom, um sentido único, o do momento, uma estratificação.

É nesse ínterim de reflexões e levantamentos históricos que se insere nosso trabalho, o qual se propôs a delimitar, como *corpus* para análise, o conto “A mensagem”, de Clarice Lispector, um dos treze textos que integram o livro *A Legião Estrangeira* (1977 [1964]). A partir do *specificum* da prosa literária, em uma perspectiva dialógica da linguagem, selecionamos o *Heterodiscurso* –

artística: como no discurso vital e prático ou científico, não passa de um instrumento artístico neutro de comunicação.” (BAKHTIN, 2015, p. 25)

⁴ Sobre isso, Santana (2018, p. 166-167) afirma que “Alguns grupos, em terreno russo, como a Sociedade para o Estudo da Língua Poética (OPOYAZ) propunham um estudo mediante o qual houvesse a distinção entre linguagem prática e linguagem poética”. Integravam esse grupo, com surgimento entre 1916 e 1917, “Viktor Chklóvski (1893-1984), Iury Tiniánov (1894-1943), Boris Eikhenbaum (1886-1959), Viktor Vinógradov (1895-1969), Viktor Jirmúnski (1891-1971) e o próprio Lev Iakubínski (1892-1946)” (GRILLO, 2017, p. 42).

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; NASCIMENTO, Terezinha de Jesus Gomes do. O heterodiscurso no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector: questões de linguagem. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 3 (2018), p. 290-305.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 nov. 2018.

categoria essencialmente bakhtiniana – ao observar como a outridade se manifesta na constituição do(s) sujeito(s) da narrativa.

O conto “A mensagem” trata-se de um texto curto em que, num evento cotidiano, o encontro de um casal de jovens transforma-se em uma narrativa fantástica, com figurações, jogos de linguagens e diferentes vozes que entram no jogo semântico das palavras, típico dos textos clariceanos. Averiguamos, nas tramas dos personagens, a busca pela completude do eu, da outra metade desse eu que se sente vazio e angustiado. E é essa angústia que faz o rapaz se aproximar da moça que diz sofrer desse mesmo sentimento e passa a compartilhar seus sentimentos com alguém que o compreenderia, porque ambos falavam a mesma linguagem.

Nosso objetivo, portanto, consiste em analisar o heterodiscurso presente no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector. A base teórica que subsidiou nossa pesquisa é constituída pelos dizeres de Bakhtin (2006 [1979], 2010 [1930-1934], 2015) e Volóchinov (1926, 2017 [1929]), assim como trabalhos de pesquisadores brasileiros, como Faraco (2009) e Santana (2017, 2018). Em termos metodológicos, primeiramente a) investigamos como se manifesta o heterodiscurso na prosa literária, e posteriormente b) analisamos como o heterodiscurso se dá especificamente no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector.

O HETERODISCURSO NA PROSA LITERÁRIA

A estratificação interna da língua, “pedra angular” do discurso romanesco, seu *specificum*, foi reconhecida e analisada, na primeira metade do século XX, por Bakhtin (2015), o primeiro filósofo que trouxe à luz a discussão sobre a estilística do gênero no texto. O discurso no romance da década de 30, justamente por identificar na época uma estilística tradicional estreita que não contemplava o todo da obra.

A propensão do subjetivismo idealista, uma das correntes mais importantes do início do século XX, representada por Humboldt e pela escola de Vossler (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) que defendia a criação individual no uso da língua, impulsionou Bakhtin e o Círculo a elucidarem os caracteres social, histórico e ideológico⁵ evidentes no romance e, conseqüentemente, em toda

⁵ Os elementos linguísticos abstratos que pertencem ao nível do sistema da língua e as possibilidades estilísticas expressivas perpassam as escolhas do falante que faz uso dessa língua condicionado por fatores sociais, históricos, culturais e ideológicos. O resultado é uma individualidade sociológica do uso da linguagem estratificada, cujo sentido não se encontra apenas no campo verbal, mas também no extraverbal. Assim, a palavra acumula novos tons, intenções alheias, caracterizando o heterodiscurso vivo, mesclando acentos na grande rede dialógica da interação verbal.

linguagem, visto que “[...] sem uma orientação social de caráter apreciativo (axiológico) não há atividade mental” (FARACO, 2009, p. 136).

Assim, os estudos bakhtinianos adentram nessas inúmeras vozes sociais que emergem dos discursos através da seleção valorativa do autor, do narrador, dos personagens, sendo analisadas por um viés sociológico. Essas vozes sociais ou heterodiscurso, também conhecido como plurilinguismo (a depender da tradução), constituem um feixe de sentidos, de tons apreciativos que expressam um posicionamento axiológico, tendo em vista o momento histórico de produção, recepção e o meio de circulação de uso da língua. Além disso, essas vozes estão dialogicamente organizadas no romance, inseridas nos discursos das mais diversas formas, estando ainda mais evidentes no romance humorístico. Na ótica de Santana (2017, p. 238):

Os discursos que se encontram atravessados por diálogos alheios não têm sentido único, mas seus sentidos múltiplos se concretizam através da heterodiscursividade, ou a capacidade que os enunciados têm de se interligarem, através de um processo de interpenetração. Em cada momento concreto da formação discursiva, os enunciados são estetificados em camadas socioideológicas, ou seja, manifestam-se através da história e da memória culturais (processo de estetificação).

Todo enunciado concreto, além de ativo e responsivo, reflete e refrata uma realidade. No discurso do romance, o autor criador mobiliza uma linguagem que, por sua vez, é refratada pelo discurso do narrador e pelo discurso do personagem, ou seja, ocorre a refração da refração. Nesse sentido, o autor manipula a linguagem refratada no romance, inserindo nela estilizações, acentos apreciativos, em favor de suas intenções axiológicas, construindo uma linguagem heterodiscursiva, de onde ecoam diferentes vozes que compõem o todo, o estilo do gênero. Nesse direcionamento argumentativo,

O heterodiscurso consiste na ampliação e no aprofundamento dos enunciados para além da estrutura e da funcionalidade. Seu acontecimento pleno se dá na concretude do dialogismo, em que as construções enunciativas são situadas historicamente, revestidas por forças centrífugas e centrípetas que lhe dão significação e sentido(s). (SANTANA, 2017, p. 239)

A estilização, uma das formas de inserção do heterodiscurso no romance, é a utilização de uma linguagem típica de determinada personagem a partir da

esfera social, cultural, a que ela pertence. Além da estilização, a “língua comum”, pertencente a determinado grupo discursivo refratado no romance, também é utilizada pelo autor, visto que “Em diferentes graus, o autor se separa dessa língua comum, desvia-se dela e a objetiva, levando suas intenções a se refratarem através desse meio de opinião comum (sempre superficial e amiúde hipócrita) personificada na linguagem”. (BAKHTIN, 2015, p. 80)

O discurso do autor e a “língua comum”, que é a opinião comum, podem fundir-se, tornando-se uma verdade com a qual o autor concorda plenamente, caracterizando um “estilo acentuadamente objetal” (BAKHTIN, 2015, p. 87), uma das formas de construção híbrida. A construção híbrida ou duplo estilo, por sua vez, consiste em uma palavra ou expressão que apresenta dois posicionamentos axiológicos simultaneamente, duas vozes distintas, que não podem ser identificadas pela organização sintática do enunciado.

O discurso dissimulado do outro na voz do narrador, a construção híbrida, é muito comum no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector, escolhido aqui para análise e, segundo Bakhtin (2015), essa também é uma característica marcante do discurso romanesco. É um fato conhecido na esfera literária que Clarice Lispector rompeu com a narrativa linear típica da prosa romanesca regional da geração de 30, construindo em suas produções literárias um estilo bem particular.

No conto em estudo, o narrador faz no texto um jogo com palavras: menciona o desgaste da palavra *angústia* para os personagens e menciona que a palavra *experiência* estava sempre mudando de sentido, inclusive se confundindo com mensagem. Os discursos do autor e do herói também se refratam mutuamente na prosa romanesca: o autor refrata suas intenções no discurso do herói e, por sua vez, o herói também influencia o discurso do autor “[...] disseminando nele palavras do outro (o discurso dissimulado do herói) e assim inserindo nele a estratificação, a heterodiscursividade” (BAKHTIN, 2015, p. 100).

A presença do heterodiscurso na vida ou na arte consiste sempre em um recurso utilizado pelo autor para refratar, através da voz do narrador ou dos personagens, suas intenções axiológicas, inserindo nos discursos seus tons e valorações sociologicamente construídos. Ao analisarmos o conto “A mensagem”, não serão averiguados apenas seus aspectos morfossintáticos ou semântico-pragmáticos, mas sobretudo os heterodiscursos presentes em sua construção dialógica. “Isso significa que o heterodiscurso consiste em recuperar o(s) discurso(s) outro(s) que se faz(em) presente(s) neste discurso, que o(s) atravessa(m), aqui e agora” (SANTANA, (2017, p. 238).

O GÊNERO DISCURSIVO CONTO

Sobre a noção de gênero discursivo, não negamos a importância que há em todo o trajeto composicional de Mikhail Bakhtin com relação ao ensaio “Os gêneros do discurso” (2016 [1952-1953]). Nesta produção, o filósofo soviético desenvolve de forma detalhada a concepção de dialogismo, ao tecer divergência(s) entre o enunciado concreto, compreendido como unidade da comunicação discursiva, e a oração, entendida como unidade da língua. Em tal produção, o autor aponta particularidades do enunciado que o distinguem da oração, tais como: a alternância entre os sujeitos falantes e a relativa estabilidade dos enunciados. As especificidades do enunciado, resguardada a heterogeneidade que as constitui, territorializam a dimensão dialógica da linguagem na medida em que assinalam a constituição do sujeito pela relação alteritária com o(s) outro(s) e seu(s) discurso(s).

Segundo Bakhtin (2016, p. 54, grifos nossos),

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma *interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros*. [...] Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos.

Mesmo que reconheçamos a importância das modalidades de reenunciações sobre os gêneros, não limitamos o desenvolvimento teórico-analítico de gêneros ao que é proposto no clássico “Os gêneros do discurso” (BAKHTIN (2006, [1979])⁶. Seria, ao nosso ver, um reducionismo focalizar o conceito de gênero do discurso a três elementos: *forma de composição, conteúdo temático e estilo*. Conforme se demonstra (em linhas breves), os gêneros do discurso transcendem essa conceituação.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin afirma que “O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é velho e novo ao mesmo tempo [...]. O gênero vive do presente mas sempre recorda o seu passado, o seu começo” (2008 [1929], p.121). Em seu artigo sobre os gêneros do discurso, Brait e Pistori (2012, p. 376) afirmam que Bakhtin (2008 [1929]) traz, na conclusão de *Problemas da poética de Dostoiévski*, “importantes afirmações sobre gênero que respondem questões colocadas hoje em relação aos gêneros próprios das novas formas de

⁶ O texto “Os gêneros do discurso”, de Bakhtin, escrito entre 1951-53, aparece numa coletânea cuja primeira edição russa é de 1979, e foi traduzido por Paulo Bezerra. Está junto a outros textos no livro *Estética da criação verbal*.

comunicação”. Ainda de acordo com as autoras, estas formas comunicativas engendram por novos valores, assumidos pelo homem contemporâneo, no que tange a tempo/espaço, público/privado, efêmero/duradouro.

Passemos, então, ao gênero discursivo conto. Em termos bakhtinianos, é mais que uma obra de ficção, ou um texto ficcional. Constitui um território de possibilidades, no nível estético literário, em que o próprio autor-pessoa cria uma instância discursiva: o autor-criador. Esta instância, a qual se apresenta, também, como um narrador, é a responsável por mobilizar as vozes dos personagens, novos horizontes e paisagens no decorrer do cenário, os pontos de vista e o enredo.

Imerso em estudos literários, Júlio Cortázar chama atenção para a necessidade de compreensão concreta do conto:

...se não tivermos uma idéia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também por que há tão poucos contos verdadeiramente grandes. (1974, p. 158)

O pesquisador, ao registrar a importância de um conhecer mais aprofundado do conto, afirma que seria perder tempo lançar-lhe olhares superficiais, os quais não produziriam sentido nem conduziriam a sua expressividade.

Conforme Bakhtin, em *Crítica à arte e estética em geral*, especificamente quando adentra a explicar os problemas da Forma, do Material e do Conteúdo do gênero discursivo, é necessário que todos esses elementos constitutivos do texto-enunciado estejam em constante comunhão. No caso do gênero conto, torna-se mais fácil a compreensão de sua forma quando observamos sua pequena extensão, na maioria dos casos. Por ser mais curto que a novela ou o romance, o conto é constituído por ter uma forma (estrutura) relativamente clivada, o que não impede que haja modificações intencionais por parte do autor-pessoa, no ato criacional.

Em termos de material e mobilização de conteúdo, o conto consiste em um gênero discursivo de grande flexibilidade, podendo se aproximar da poesia e da crônica, o que confere características dialógicas de hibridização. A voz narradora sempre mobiliza um fato ou determinado acontecimento de forma artística, criativa, atribuindo tons de ficção, e isso conflui para o diálogo incessante entre a

vida e a arte. Poe afirma que, no conto, “o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora da leitura atenta, a alma do leitor está sob o controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou extrínseca que resulte de cansaço ou interrupção” (s/d., p. 43).

Por fim, dadas as diferenciações entre gêneros primário e secundário, por Bakhtin, o conto é classificado como gênero secundário, não simplesmente por uma questão funcional, mas por surgir em condição de um convívio social mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado, em esfera artístico-literária⁷.

O HETERODISCURSO NO CONTO “A MENSAGEM”

Como um todo, o manuscrito registra aprendizados mútuos, momentos em que os personagens fazem descobertas de si, os quais se dão após um rapaz e uma moça se conhecerem e terem criado bastante intimidade. Entre trocas de palavras, gestos, autorreconhecimento de impotência diante do mundo, ambos declaram sentir angústia, fato esse que surpreende o rapaz e o deixa sem jeito, pois não acreditava em coincidência. O que mais lhe incomodara era o fato de estar abrindo o seu coração para uma mulher.

Em nossas análises, pretendemos mostrar a presença constitutiva do heterodiscurso como um dos elementos integrantes da arquitetura literária de onde emergem diversas vozes. Esse molde plurivocal envolve o leitor na narrativa, em que cada personagem toma posicionamentos axiológicos resultantes de arenas ideológicas, nesse caso específico, frutos do universo autoral criador clariceano. Selecionamos, então, quatro fragmentos do conto.

Fragmento 1:

[...] *Assim, engolida emocionadamente a alegria involuntária que a verdadeiramente espantosa coincidência dela também sentir angústia lhe provocara – ele se viu falando com ela na sua própria angústia, e logo com uma moça! ele que de coração de mulher só recebera o beijo de mãe.*

⁷ É inegável a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a consequente dificuldade em definir o caráter genérico do enunciado. Importa, para Bakhtin (2006 [1979]) levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Classificam-se como gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. os quais aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, mormente a escrita: em esferas artística, científica ou sociopolítica. Durante o processo em que são concebidos, tais gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) que aparecem em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários transformam-se dentro dos secundários e adquirem uma característica particular: concebem-se como fenômenos da vida literário-artística, a qual reacentua a vida cotidiana.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; NASCIMENTO, Terezinha de Jesus Gomes do. O heterodiscurso no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector: questões de linguagem. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 3 (2018), p. 290-305.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 nov. 2018.

Viu-se conversando com ela, escondendo com secura o maravilhamento de enfim poder falar sobre coisas que realmente importavam; e logo com uma moça! [...]

Antes da análise heterodiscursiva, esclarecemos que a voz que fala, no poema, sob a perspectiva discursiva, na qual nos inscrevemos, não é da autora Clarice Lispector, mas de um autor-criador (BAKHTIN, 2010 [1930-1934]). Portanto, há uma mobilização de dizeres, por parte do narrador que, por sua vez, já são elementos do fazer artístico-literário.

Na medida em que acompanhamos a narrativa, percebemos que há entornos no tom gestual-apreciativo da construção textual. O discurso do outro insere-se no texto sem marcas linguísticas do discurso direto ou do discurso indireto, mas de forma dissimulada. A opinião comum “logo com uma moça!” expressa um discurso machista, ainda muito presente na sociedade, de que a moça não seria a pessoa ideal para um rapaz dividir suas angústias, razão pela qual ambos mantinham isso em segredo. A angústia foi o sentimento comum que os unira, através da qual o jovem reconhecia a moça como o outro de si mesmo: “Naturalmente, o fato dela também sofrer simplificara o modo de se tratar uma moça, conferindo-lhe um caráter masculino. Ele passou a tratá-la como camarada.”

O trecho “Viu-se conversando com ela, escondendo com secura o maravilhamento de enfim poder falar sobre coisas que realmente importavam...” consiste em um processo heterodiscursivo interconstitutivo, pois a partir do momento em que algo passa a importar para o rapaz, significa que ele permitiu ser atravessado pelas palavras e gestos da moça. Esse segundo instante em que a expressão “e logo com uma moça!” aparece não traz mais uma carga do peso social, mas de todo o orgulho que estava sendo quebrado no coração do jovem, que se enxergou em uma pessoa do sexo feminino.

Bakhtin, então, descreve como ocorre essa interpenetração quando os mundos de duas personagens coincidem:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei de algo que, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis a seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são inacessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos. (2006 [1979], p. 21)

Quanto às relações heterodiscursivas presentes na narrativa, faz-se imprescindível notar que um dos grandes núcleos de discussão de Bakhtin, na

construção da teoria do romance, foi a posição axiológica assumida pelas personagens em seus diálogos. No horizonte destes discursos, há uma rede de relações axiológicas que constituem o objeto estético, sendo este envolvido em três densas constituintes imanentes: o autor, personagem (herói) e seus interlocutores (uma personagem ou um auditório). Estes são os pilares para a compreensão responsiva-ativa dos discursos sócio-históricos e verboideológicos.

Fragmento 2:

[...] *Ela mesma também passou a ostentar com modéstia aureolada a própria angústia, como um novo sexo. Híbridos – ainda sem terem escolhido um modo pessoal de andar, e sem terem ainda uma caligrafia definitiva, cada dia a copiarem os pontos de aula com letra diferente – híbridos eles se procuravam, mal disfarçando a gravidade. Uma vez ou outra, ele ainda sentia aquela incrível aceitação da coincidência: ele, tão original, ter encontrado alguém que falava a sua língua! Aos poucos compactuaram. Bastava ela dizer, como numa senha, “passei ontem uma tarde ruim”, e ele sabia com austeridade que ela sofria como ele sofria. Havia tristeza, orgulho e audácia entre ambos. [...]*

Em termos formais, o discurso em destaque, por suas características sintáticas, emana das vozes dos personagens, e evidencia-se uma mudança no acento da expressão que é emoldurada pelo discurso do narrador, ou seja, o tom apreciativo da expressão em itálico situa-se no horizonte da opinião comum ou da personagem.

Quanto ao movimento do constituir-se através do outro, nesse instante o foco está na moça, seus signos interiores (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) estão sendo desvelados, outro está encenado como uma linguagem interdiscursiva. No período “...e sem terem ainda uma caligrafia definitiva, cada dia a copiarem os pontos de aula com letra diferente – híbridos eles se procuravam, mal disfarçando a gravidade...”, a instigação a escrever de si para outro explana um retorno, uma réplica de dizeres mediante os acontecimentos dos últimos dias de vivência da moça com o rapaz. A hibridização, nesse momento, foi concebida pelas relações dialógicas vivenciadas por ambos os personagens, os quais estabeleceram vínculos de convivência, afeto e partilhamento de si. Na construção textual “Aos poucos compactuaram. Bastava ela dizer, como numa senha, “passei ontem uma tarde ruim”, e ele sabia com austeridade que ela sofria como ele sofria.”, percebemos como a temporalidade contribuiu para abrir espaço para as evidências heterodiscursivas concretas do enunciar sobre si, no descrever da moça de como foi a sua tarde.

Há também muitas passagens no texto em que os personagens se inserem no discurso de forma recíproca, como se houvesse efeitos de mutualidade na completude de si pelo outro, como se podem perceber nos exemplos a seguir:

Fragmento 3:

[...] Assim continuaram a se procurar, vagamente orgulhosos de serem diferentes dos outros, tão diferentes a ponto de nem se amarem. Aqueles outros que nada faziam senão viver. Vagamente conscientes de que havia algo de falso em suas relações. Como se fossem homossexuais de sexo oposto, e impossibilitados de unir, em uma só, a desgraça de cada um.

[...] Quanto a amor, eles não se amavam, era claro. [...] Um pedia muito do outro, mas é que ambos tinham a mesma carência, e jamais procurariam um par mais velho que lhes ensinasse, porque não eram doidos de se entregarem sem mais nem menos ao mundo feito. [...]

No enunciado supracitado a narrativa explora a dimensão semântico-axiológica para assegurar a construção de fatos não tão comuns no cotidiano e aí está a singularidade da criação literária. Apesar de ambos os personagens saberem que não iriam se unir corporalmente no sentido amoroso/sexual, seus sentimentos e gestos estavam respaldados em suprir as carências psicológico-afetivo-emocionais do outro.

Quanto aos valores que o autor-contemplador vai atribuindo a uma obra, ao lê-la, concluí-la, ao delimitar os personagens com seus tons emotivos-volitivos, nisso reside também a heterodiscursividade, no ato da explanação dos diálogos existentes em seu interior, ou seja, os vínculos desta narrativa com seus elementos vozes/valorações. Conforme pontua Santana (2017, p. 239), “O autor não deve vivenciar o objeto para si mesmo, mas sempre pensando que o vivenciamento de uma postura axiológica consiste na presença constitutiva do outro em mim (outros enunciados que atravessam os discursos os quais profiro)”. É nesse sentido que, para Bakhtin, “Ninguém pode ocupar uma posição neutra em relação a mim e ao outro; o ponto de vista abstrato-cognitivo carece de um enfoque axiológico, a diretriz axiológica necessita que ocupemos uma posição singular no acontecimento único na existência, de que nos encarnemos” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 117).

Fragmento 4:

[...] Até que também a palavra angústia foi secando, mostrando como a linguagem falada mentia. (Eles queriam um dia escrever.) A palavra angústia passou a tomar aquele tom que os outros usavam, e passou a ser um motivo de leve hostilidade entre ambos. Quando ele sofria, achava uma gafe ela falar em angústia. “Eu já superei esta palavra”, ele sempre superava tudo antes dela, só depois é que a moça o alcançava.

[...]

Eles eram medrosos, científicos, exaustos de experiência. Na palavra experiência, sim, eles falavam sem pudor e sem explicá-la: a expressão ia mesmo variando sempre de significado. Experiência às vezes também se confundia com mensagem. Eles usavam ambas as palavras sem aprofundar-lhes muito o sentido.

A própria narrativa apresenta a construção da estratificação da linguagem no desgaste da palavra *angústia* e na transformação de sentido da palavra *experiência* que chega a se confundir com *mensagem* na situação específica de uso, inserida em um domínio histórico e ideológico determinado entre os personagens. No primeiro trecho do quarto exemplo, o heterodiscurso apresenta-se no plano da “opinião comum”, destacando a relação dos personagens com a palavra falada alheia. No segundo trecho, a palavra *experiência* ia variando de sentido a cada uso que os personagens faziam dela, estando, o heterodiscurso, no plano subjetivo dos personagens.

Alguns trechos do texto apresentam vários questionamentos de vozes que ora parecem pertencer ao narrador, ora ao autor e, em alguns casos, até mesmo aos personagens, estratificando a linguagem utilizada e deixando a leitura ainda mais instigante, dissimuladamente interagindo com o leitor e apresentando-lhe suas próprias respostas. Esses questionamentos evidenciam o discurso dissimulado de um na voz do outro, apresentando-se aqui como um recurso persuasivo em que a resposta pronta a cada questão é valorada por um discurso também alheio, como que buscando a cumplicidade do leitor no posicionamento axiológico heterodiscursivamente apresentado.

O jogo discursivo com o emprego dos adjetivos ou epítetos (BAKHTIN, 2015) no texto constitui-se de forma significativa e, em muitos casos, apresentando duplo estilo, dois sentidos heterodiscursivos. Os epítetos representam os tons valorativos que ora pertencem ao horizonte do narrador, ora pertencem ao horizonte do autor, podendo ainda as fronteiras serem tão tênues que as vozes se fundem, sendo impossível delimitá-las, como se percebem nos trechos a seguir.

Percebe-se, nos epítetos, que uma mesma palavra recebe valoração semântica diferente em cada uso, evidenciando que o valor semântico das palavras não pertence a elas mesmas, mas é estratificada no domínio discursivo de uso, considerando as valorações acumuladas em seus diversos usos sociais e o atualizando em cada momento de enunciação. Isso ratifica a tese de Volóchinov (2017 [1979]) de que apenas na interação a língua constrói sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas formas de inserção do heterodiscurso na prosa literária refratam as intenções sócio-ideológicas do autor que convoca para o texto o heterodiscurso vivo, já refratado, da linguagem da vida (das profissões, dos gêneros, da opinião comum). O discurso do outro na linguagem do outro apresenta uma dialogização interna em que se evidenciam acentos, posicionamentos axiológicos que compõem o horizonte do autor, da opinião comum, do narrador, o horizonte subjetivo dos personagens.

O conto “A mensagem”, de Clarice Lispector, constitui-se de enunciados heterodiscursivos que conferem ao texto um estilo muito próximo à prosa romanesca nos moldes analisados por Bakhtin e o Círculo. Constantemente, o leitor se depara com uma ou outra voz carregada de uma expressividade significativa para a compreensão do texto, inesperadamente inserida no discurso. Esses múltiplos acentos e valorações fundamentam-se na apreensão social heterodiscursiva, utilizando-se da potência dialógica da linguagem.

Neste artigo, foram destacados heterodiscursos mais evidentes desse conto clariceano e, evidentemente, a análise heterodiscursiva dessa obra não se esgota aqui. “A mensagem” tem muitos outros elementos passíveis de estudos dialógicos, e de outras áreas da linguística e da literatura, pela sua dimensão estilística e riqueza literária.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: A estilística*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra. 5ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. O discurso no romance. (1924). In: *Questões de literatura e de estética - A Teoria do Romance*. Equipe de tradução (do russo): Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Júnior; Augusto Góes Júnior; Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade. 6ª edição. Editora Hucitec - São Paulo, 2010 (1930-1934).

_____. VOLOSHINOV, V. N. [1926] *Discurso na vida e discurso na arte*. Tradução de C. Tezza e C. A. Faraco. [s.l.:s.n.], 1976.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; NASCIMENTO, Terezinha de Jesus Gomes do. O heterodiscurso no conto “A mensagem”, de Clarice Lispector: questões de linguagem. *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 3 (2018), p. 290-305.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 nov. 2018.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Trad. de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo, Perspectiva, 1974.

FARACO, Carlos A. *Linguagem e diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GRILLO, S. Marxismo e Filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. Ensaio introdutório. (p. 42). In: VOLOCHÍNOV, V. N. (círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

LISPECTOR, Clarice. A mensagem. In *A Legião Estrangeira*. São Paulo, Ática, 1977.

Disponível em: <https://veele.files.wordpress.com/2010/02/clarice_lispector_-_felicidade_clandestina_e_outros_contos.pdf> Acesso em: 02/01/2018.

POE, Edgar Allan. *Review of Twice told tales* (1842). In: MAY, Charles E. (ed.) *Short story theories*. Op. cit. 2004 (1848). p. 45-52.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Ensino dialógico de literatura na educação básica e a formação de sujeitos críticos. In: PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira. SILVEIRA, Éderson Luís (orgs). *O ensino na Educação Básica: Diálogos entre sujeitos, saberes e experiências docentes*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

_____. Heterodiscursividade e axiologia no primeiro capítulo do Cântico dos Cânticos. In: BARBOSA, Maria de Fátima Mesquita. *SINALP – Simpósio Nacional de Literatura Popular*. Cultura Popular e Cosmopolitismo. Simpósio Nacional de Literatura. Anais. João Pessoa: Midia Editora, 2017b. p. 237-247.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

WILDER KLEBER FERNANDES DE SANTANA é Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2017) e Doutorando em Linguística pela mesma instituição (2018). É Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional (2015) e Mestre em Teologia pela mesma instituição (2016). É especialista em Gestão da Educação Municipal pela Universidade Federal da Paraíba (2017). Atualmente é Bolsista Capes e Pesquisador no grupo GPLEI (Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação), em que atua nas áreas de Discurso e Sociedade. Dentre suas publicações estão o artigo "A representação linguístico-discursiva de Jesus Cristo em seu sermão sobre o cumprimento do amor a partir do evangelho segundo são Mateus" (Rev. Anpoll, 2018) e "A contrapalavra no gênero charge: uma análise a partir de Bakhtin e o círculo" (Rev. Prolíngua, 2017).

TEREZINHA DE JESUS GOMES DO NASCIMENTO é Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2016) e Doutoranda em Linguística pela mesma instituição. Atualmente é professora da Faculdade Luso-Brasileira (FALUB) e formadora de professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio da Gerência Regional do Vale do Capibaribe. Como pesquisadora no grupo GPLEI (Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação), desenvolve trabalhos, estudos e pesquisas sobre o Ensino de Língua Portuguesa, Formação Docente e análise de Livro Didático a partir da perspectiva dialógica da linguagem e da Análise do Discurso. Dentre suas publicações estão o artigo "O estilo do gênero carta de leitor no livro didático de língua portuguesa do ensino médio" (Anais do IV SEDiAr, 2018) e o capítulo de livro "O estilo do gênero redação de vestibular no livro didático de língua portuguesa" (Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva: teoria, análise e questões de ensino, 2017).